

IRMÃOS E MENORES NO NOSSO TEMPO

Lineamenta em preparação ao capítulo geral 2015



IRMÃOS E MENORES NO NOSSO TEMPO

*“Todos [do mesmo modo] sejam chamados
frades menores” (Rnb 6,3)*

**LINEAMENTA
EM PREPARAÇÃO AO CAPÍTULO GERAL 2015**

Copertina: Piero Casentini
Impaginazione: fr. Joseph Magro per Ufficio Comunicazioni OFM

APRESENTAÇÃO

O próximo Capítulo geral 2015 terá uma dinâmica diferente daquela adotada nos Capítulos precedentes. No passado, o relatório – muito amplo – dos Ministros gerais constituía também o material sobre o qual os Capitulares deviam trabalhar. No próximo Capítulo, ao invés – conforme a indicação do recente Conselho plenário da Ordem¹ – se terá de uma parte o relatório do Ministro geral, com todas as informações previstas, e de outra, um *Instrumentum laboris*, que ajudará os Capitulares individualizar as orientações para o futuro e a elaborar escolhas, orientações e decisões para acompanhar o caminho proposto.

Para chegar a um *Instrumentum laboris* que seja o fruto da reflexão e das propostas de todas as Entidades da Ordem, e dos frades individualmente, se apresenta este primeiro material, que chamamos “Lineamenta”. Esse se estabelece sobre a escolha fundamental do tema que o Definitório geral decidiu (*Fratres et minores in nostra aetate*) e pretende envolver todas as Entidades e o maior número possível de frades na reflexão e no envio de propostas concretas, de maneira que haja uma sensibilização e uma animação em nível de toda a Ordem. Estes “Lineamenta” são o fruto da reflexão do Definitório geral, da contribuição de alguns serviços da Cúria geral, e da contribuição dos Presidentes das Conferências.

Agora o oferecemos a todos e pedimos para estudá-lo, atualizá-lo e, sobretudo, para enviar as contribuições sobre o terceiro ponto de cada parte, ou seja, sobre as “escolhas e propostas concretas”, porque se sente a necessidade urgente de superar todo obstáculo que nos impede de transformar as ideias em ação, para passar continuamente da *ratio* (pensamento) à *operatio* (atuação concreta).

Todas as contribuições serão acolhidas e valorizadas, e servirão para elaborar o *Instrumentum laboris*. As propostas serão unidas e sintetizadas segundo as suas convergências e organizadas em categorias conforme critérios a serem definidos pelo Definitório geral.

Para chegar a esta passagem indispensável a fim de ser coerentes e “sinais proféticos”, necessitamos individualizar os meios, as estratégias e alguns modos concretos que pensamos ser úteis e eficazes para viver fielmente o nosso carisma no nosso tempo.

¹ CPO 2013, *Vinho novo em odres novos. Propostas*, n. 22 (Roma 2014).

INTRODUÇÃO

1. O NOSSO NOME COMO UM PROGRAMA DE VIDA: FRATRES MINORES

Desde a chegada dos primeiros companheiros, São Francisco escolheu este nome, provavelmente já com a Proto-regra apresentada a Inocêncio III e aprovada oralmente pelo Papa (cf. *LP* 67). Em 1216, Jacques de Vitry chama “frades menores” os seguidores do poverello de Assis. E na primeira Regra escrita (1221), este nome é oficializado: «todos do mesmo modo sejam chamados frades menores» (*Rnb* 6,3). O título “frades menores” tem para Francisco uma origem evangélica, embora não se possa excluir a influência das classes *maiores et minores* da sociedade daquela época em Assis. Quando se despojou diante de Pedro Bernardone e do bispo, ele descobriu a paternidade única de Deus (cf *2Cel* 12); e depois o Senhor lhe “deu irmãos” (*Test* 14): a fraternidade foi um dom do Deus Altíssimo!

Segundo o primeiro biógrafo, os frades foram chamados “menores” porque eram «submissos a todos» e porque «sempre procuravam o pior lugar e queriam exercer o ofício em que pudesse haver alguma desonra, para merecerem ser colocados sobre a base sólida da humildade verdadeira e neles pudesse crescer auspiciosamente a construção espiritual de todas as virtudes» (*1 Cel* 38).

E eram “frades-irmãos” porque neles era «ardente o amor fraterno», quando «se encontravam havia uma verdadeira explosão de afeto espiritual»; eram «imunes a qualquer amor egoístico»; «eram felizes quando podiam reunir-se, mais felizes quando estavam juntos» (*1 Cel* 38-39).

Poucos meses antes de deixar esta terra, São Francisco ditou a Frei Benedito de Piratro a seguinte acurada exortação: «em sinal da memória da minha bênção e do meu testamento sempre se amem uns aos outros, sempre amem e observem nossa senhora a santa pobreza, e que sempre sejam fiéis e submissos aos prelados e a todos os clérigos da santa mãe Igreja» (*Testamento de Sena*).

O nome de “frades menores” não é simples título vazio ou estereótipo, mas um programa de vida, que comporta um empenho permanente, um dinamismo profundo para fazer sim que tal ideal evangélico, tal “utopia”,

possa ser realizada e vivida². Ser verdadeiramente irmãos e menores é o coração do nosso carisma!

2. AS PERIFERIAS DO NOSSO TEMPO COMO CHAVE HERMENÊUTICA

“Compreende-se a realidade somente se a se olha da periferia”³.

Nós queremos ser irmãos e menores no nosso tempo. Queremos continuar e renovar a nossa vocação e missão como frades menores de modo a irradiar um estilo de vida significativo, profético, evangélico no nosso mundo. cremos que seja pedagogicamente importante e urgente superar a autorreferencialidade e deixar-se desafiar, provocar pelo nosso tempo. cremos que a identidade se constrói e se enriquece também no diálogo com o diferente, no encontro com o outro, na escuta do mundo, na leitura e interpretação dos sinais dos tempos, das novas sensibilidades das culturas contemporâneas.

O nosso Papa Francisco, na Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (= EG) de 24 de novembro de 2013, nos desafia a sair de nós mesmos e acolher a realidade concreta: «O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com os seus sofrimentos e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado» (EG 88). Segundo o Pontífice, «as grandes mudanças da história se realizaram quando a realidade foi vista não do centro, mas da periferia. É uma questão hermenêutica: se compreende a realidade somente se a se olha da periferia, e não se o nosso olhar é posto num centro equidistante de tudo. Para entender verdadeiramente a realidade, devemos nos deslocar da posição central de calma e tranquilidade e dirigir-nos em direção à zona periférica. Estar na periferia ajuda a ver e compreender melhor, a fazer uma análise mais correta da realidade, evitando o centralismo e abordagens ideológicas»⁴.

² Cf. F. Uribe, *Ejes del carisma de san Francisco de Asís según sus escritos*, 2010, p. 73-74.

³ Papa Francisco aos Superiores Gerais, in: A. Spadaro, *Svegliate il mondo*. Civiltà Cattolica 2014 (4.01.2014), p. 6.

⁴ *Idem*.

Ao mesmo tempo, o Papa Francisco nos desafia a reler o carisma em relação às culturas atuais. Conforme ele, somos obrigados naturalmente a repensar a inculturação do carisma. O carisma é um, mas necessitamos vivê-lo segundo os lugares, os tempos e as pessoas. «O carisma não é uma garrafa de água destilada. Necessita-se vivê-lo com energia, relendo-o também culturalmente»⁵.

A reflexão do Pontífice continua afirmando que a secularização da época pós-moderna, corroendo as construções institucionais, ideológicas de uma religião cristalizada e quase mumificada, parece poder oferecer a oportunidade para observar com novo olhar a realidade religiosa e humana: uma experiência mística pluralista, perenemente atual, disponível a toda mediação histórica, sendo alheia a toda tentação idolátrica, manipuladora da transcendência. Condição necessária para elaborar uma mística do futuro é que o acesso à tradição não seja mimético, mas verdadeiramente inédito em relação à modernidade, que seja uma visão ‘de olhos abertos’, em grau não só de perceber as instâncias políticas, mas também o *hic et nunc* do desespero dos pobres, fazendo-se disponível a uma práxis libertadora, voltada a problemáticas presente tanto na escala individual quanto na social.

3. SER PROFETAS: UMA PRIORIDADE NÃO NEGOCIÁVEL

*“Jamais um religioso deve renunciar à profecia.”*⁶

Toda vida religiosa é profética, ou não existe. Viver a “profecia” do carisma, sintetizado no nome, significa ser “sinal”, transparência, manifestação, testemunho, anúncio, prefiguração do futuro (cf. LG 44; VC 84-85). O sinal, para poder indicar outra realidade e um futuro diferente, deve ser visível, crível e eloquente. Para ser “profetas” necessita-se renovar os sinais da fraternidade, da minoridade, da pobreza, da humildade e da alegria franciscana.

Ser e viver como irmãos, construir a fraternidade em torno a nós, ser construtores de paz e reconciliação, ser com os pobres e para os pobres,

⁵ *Idem*, p. 8.

⁶ *Idem*.

na solidariedade e simplicidade da vida, cuidar da criação... isto é o que as pessoas esperam dos “frades menores”.

Também os votos religiosos são profecia e desafio, “terapia espiritual” para o homem de hoje (cf. VC 87-92). A prioridade é então a significatividade e a profecia do Reino, «que não é negociável», afirmou Papa Francisco diante dos Superiores gerais, e prosseguiu dizendo: «O acento deve cair sobre o ser profetas, e não sobre o fazer de conta de o ser [...] Os religiosos e as religiosas são homens e mulheres que iluminam o futuro. [...] Jamais um religioso deve renunciar à profecia [...] [O próprio do] carisma é o de ser fermento: a profecia anuncia o espírito do Evangelho»⁷.

Depois do Concílio Vaticano II, a dimensão profética foi proposta com força e clareza na *Vita Consecrata* (1996): «a vida consagrada constitui memória viva da forma de existir e atuar de Jesus, como Verbo encarnado face ao Pai e aos irmãos» (VC 22). E ainda: «estilo de vida dos consagrados deve fazer transparecer o ideal que professam, propondo-se como sinal vivo de Deus e como persuasiva pregação, ainda que muitas vezes silenciosa, do Evangelho» (VC 25); «pelos seus carismas, as pessoas consagradas tornam-se um sinal do Espírito em ordem a um futuro novo, iluminado pela fé e pela esperança cristã» (VC 27).

Na profecia, está a característica da novidade: novos caminhos que o profeta sabe indicar e abrir, novos modelos de comportamento, novas formas comunitárias de vida e missão. Para o profeta, a vida não é jamais estática, mas sempre dinâmica e projetada para além, em direção ao futuro de Deus. A profecia autêntica sabe também unir em harmonia a instituição e o Evangelho. Papa Francisco é o sinal e o aval da reconciliação entre instituição e carisma, porque toda estrutura é por ele reenviada à sua função evangélica.

É sobre esta missão profética que devemos interrogar-nos: como somos realmente significativos? Somos capazes, como nos pede o Papa, de “acordar o mundo”?

4. O ITINERÁRIO METODOLÓGICO

Neste nosso subsídio de preparação para o Capítulo Geral, nos pro-

⁷ *Idem.*

pomos em seguir a metodologia já conhecida do «ver, julgar e agir». Mas, nas Fraternidades, quando se reflete sobre estes temas, se requer também um momento para “celebrar” e um outro para “verificar”.

No primeiro capítulo, tomamos em consideração o nosso tempo em chave de crise, não tanto no sentido negativo de enfraquecimento ou decadência, que provoca facilmente resignação, pessimismo ou revolta; mas como oportunidade para novas escolhas, para a busca do essencial, para a descoberta de novas possibilidades na nossa vida franciscana.

No segundo e terceiro capítulos, queremos concentrar-nos sobre o tema central do Capítulo geral: *irmãos e menores no nosso tempo*. Somos frades menores num tempo de crise e de mudanças, situados nas periferias, com a prioridade da profecia do Reino. Procuramos individuar alguns desafios paradigmáticos para o nosso ser frades e o nosso ser menores no nosso tempo.

Para a parte do «ver e contemplar», faremos breve descrição em forma de constatação dos aspectos que mais nos provocam a partir do externo e do interno da Ordem.

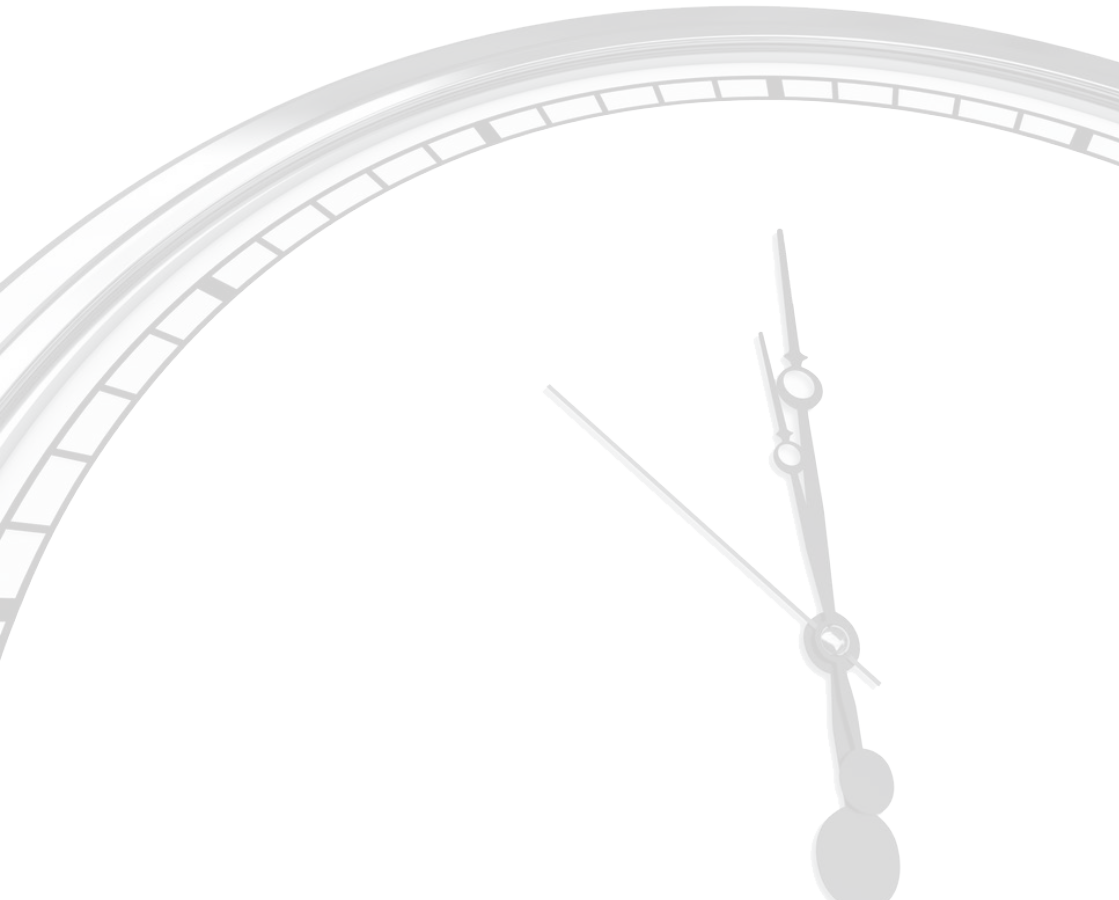
Para a parte do «julgar e meditar», nos perguntaremos sobre para onde o Espírito nos impulsiona, tomando em consideração elementos dos nossos documentos, da nossa reflexão e os da Igreja, do nosso Papa Francisco. Em consonância com o Papa Francisco, queremos privilegiar um discernimento evangélico, um olhar de fé, de frade menor missionário, evangelizador, inserido e próximo ao povo. E, com São Francisco, assumimos o critério do «ver dentro e não de fora». Não basta ver, observar exteriormente os fenômenos como as mudanças, mas é necessário saber “ver dentro”, em virtude do Espírito e da luz da fé, e assim chegar a “ver e crer”, ou seja, vendo reconhecer a presença do Senhor na história, nos “sinais”. Trata-se de ter um “olhar diferente”, profundamente “contemplativo” que vê além das aparências⁸.

Para a parte do «agir, restituir» – durante o caminho de preparação e, em particular, no Capítulo Geral – queremos abrir questões, pontos de reflexão concreta, para chegar a algumas propostas, escolhas e decisões que possam ajudar-nos a ser frades menores, como presença significativa, profética, cheia de vitalidade no nosso tempo.

⁸ Cf. C. Vaiani, *La proposta spirituale francescana oggi*, in “Antoniano” 2013, fasc. 4, p. 673-682.

1

O NOSSO TEMPO



A. Tempo de crise: para crescer, não para morrer.

“Hoje... menores entre os menores... com a consciência de ser imersos numa mudança de época...”⁹

Vivemos num tempo de grandes mudanças ou, se costuma dizer, numa mudança de época. Segundo Papa Francisco, «a humanidade vive neste momento uma viragem histórica, que podemos constatar nos progressos que se verificam em vários campos» (EG 52). Porém, queremos evitar o «excesso de diagnóstico» e também um «olhar puramente sociológico» (EG 50), e privilegiar, ao invés, e considerar um aspecto particular do nosso tempo, isto é, o da crise.

O tema recorrente na humanidade é o da “crise”. Fala-se de crise econômico-financeira, social, política, ética, climática, ecológica, cultural, antropológica, etc. Também, na Igreja, é o argumento da crise que prevalece: crise de vocações, crise de perseverança e de fidelidade cristã e religiosa, crise da instituição, crise da moral, etc.

No vocabulário corrente, “crise” indica a decadência, enfraquecimento, falimento. Assim, assume significado negativo, que gera desilusão ou raiva, manifestações de protesto e revolta, ou resignação e pessimismo. Nesta representação, a crise é a preparação à ruína, à morte.

No significado etimológico – ao contrário – “crise” indica o momento no qual se separa, se distingue uma maneira de ser e de agir, para chegar a decidir um modo diferente de viver. A crise indica mudança, a passagem certamente não indolor para uma novidade de vida. A crise é, então, ocasião positiva, oportunidade para o desenvolvimento, para o crescimento.

Nesta perspectiva, consideremos rapidamente o *contexto geral do nosso tempo e os “sinais de crise” que apresenta, com os seus desdobramentos negativos ou positivos.*

O *modelo econômico* globalizado e centrado no “dogma” do mercado em condições de autorregular-se perfeitamente se revela como economia que exclui grande parte da humanidade, que mata pessoas e espécies naturais, que favorece a acumulação dos bens em mãos de poucos, que desfruta as reservas do planeta sem responsabilidade ética, ecológica e

⁹ SPC 33.

diante das futuras gerações. Segundo Papa Francisco, «a desigualdade¹⁰ é a raiz dos males sociais» (EG 202) e da violência (cf. EG 59). Tal modelo favorece o desperdício, o descarte. «Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora» (EG 53).

Alguns elementos do modelo econômico predominante penetraram também no interno das nossas Fraternidades e lhes condicionam o estilo de vida. A nossa economia procura adaptar-se à economia de mercado, transformamos as nossas estruturas em bens que possam render, temos Províncias ricas e outras pobres, temos Fraternidades ricas e outras pobres, preocupamo-nos em estar em dia com as regras da economia de mercado, e depois temos contas pessoais que favorecem a tendência a uma vida cômoda e consumista, e como consequência um afastamento dos pobres. Na pesquisa feita entre os frades, mostra-se claramente real a percepção de um difuso estilo de vida burguês (26%) que esmaga e risca a enfraquecer sempre mais a própria identidade franciscana (25 %) ¹¹.

Ao mesmo tempo, porém, nas sociedades cresce a busca por uma economia solidária, a consciência da sustentabilidade como critério importante, com a centralidade da pessoa humana, da vida. Ao interno da nossa Ordem, emerge com clareza – segundo o Relatório sobre a pesquisa – o pedido para um mais explícito empenho por um estilo de vida mais simples e solidário (47%).

A crise cultural-ética. Todas as coisas e as criaturas são vistas em chave de mercadoria para vender, consumir, comercializar. Assim, vivemos numa cultura com a mentalidade predominante do consumismo, do desejo de bem-estar e vida cômoda... Desenvolveu-se uma globalização da indiferença. «Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros, nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos...» (EG 54). De outra parte, mantém-se e

¹⁰ O Papa usa praticamente um neologismo: “inequidade” que seria desigualdade, fruto da iniquidade estrutural.

¹¹ Cf. R. Mion, *Rapporto di ricerca sullo stato dell'Ordine*, Roma 2013. Usaremos o termo *Relatório* em referência aos resultados desta pesquisa feita sobre a situação da Ordem.

crece uma consciência de respeito à vida, de voluntariado, de paz, de defesa e promoção ecológica.

A crise institucional. As diversas instituições da nossa sociedade perderam em boa parte a força de referência para a vida dos indivíduos: a escola para as novas gerações, o Estado para os cidadãos, a Igreja-instituição para os seus fiéis, os partidos políticos para os militantes civis, as estruturas e as instituições dos Institutos de Vida Consagrada para os seus membros e assim por diante...

Também a estrutura institucional da nossa Ordem mostra sinais de crise, porque parece não conseguir mais sustentar e acompanhar um caminho comum e compartilhado na fraternidade universal. Nota-se um desligamento preocupante entre as várias instâncias institucionais (Capítulo geral, Ministro e Definitório geral, Províncias e Ministros provinciais, Guardiães e Fraternidades locais) para as quais não há mais coesão, as orientações do centro vêm sendo facilmente rejeitadas. O Ministro geral com o seu Definitório raramente é tido como ponto de referência essencial a ser acolhido com grande disponibilidade.

A crise do sujeito. A cultura moderna e pós-moderna desenvolveu forte sensibilidade pela autoestima, a liberdade, a subjetividade do indivíduo, o qual quer ser autônomo, livre e artífice da própria história e das próprias escolhas. Estabelece-se, assim, contínua tensão, muitas vezes também conflito, ente o referimento institucional e o individual. O lado problemático desta sensibilidade é o fechamento do indivíduo no seu modo de pensar e de viver, centrado sobre si mesmo. É a celebração do *individualismo* absurdo como critério fundamental de vida.

Tal individualismo se difundiu amplamente também no interno das nossas Fraternidades e foi repetidamente denunciado pelos Ministros gerais. Continuamos a registrar a existência de projetos individuais de trabalhos e de missão, a busca do que satisfaz o frade individualmente, a programação da própria vida de modo autônomo e individual, ao ponto de influenciar sobre a gestão das Províncias para as quais o individualismo comunitário se torna “provincialismo”, ou seja, fechamento em relação a uma colaboração aberta às outras Províncias e à Fraternidade Universal.

Tal crise, que leva ao individualismo, interpela a nossa identidade como “fraternidade”. A perspectiva positiva é a de compreender a pessoal sempre em relação, e abertura para a solidariedade com os outros, na disponibilidade para colaborar na busca de um projeto comum de vida.

A crise da pluralidade. No nosso tempo, cada cultura, cada religião, cada ideologia, cada grupo com sua identidade, quer ser reconhecido, valorizado e colocado no mesmo nível dos outros. Três grandes fenômenos hoje, sobretudo, caracterizam o encontro e a interiorização: a globalização, a onda migratória e as novas tecnologias de comunicação. Tal realidade provoca comportamentos diversos: a) o sentido de tolerância e de abertura para o diferente, o diálogo, o conhecimento mútuo, a colaboração, a capacidade de conviver na diversidade e no pluralismo; b) ou: a intolerância, o autoritarismo, o sectarismo, o fundamentalismo, o dogmatismo, o racismo, a xenofobia; c) ou ainda: a indiferença, o relativismo, o refúgio num pequeno mundo, a seleção do que é mais cômodo, a falta de clareza na própria identidade.

Na nossa Ordem, está emergindo a consciência de que a presença do pluralismo cultural nas Fraternidades não só a enriquece com agregação de valor, mas oferece também um estímulo dinâmico para criar novas formas de evangelização. Conforme o *Relatório*, conclui-se que cerca da metade dos frades entrevistados (44,2%) compartilham esta convicção, e uma notável maioria (79%) considera o pluralismo cultural um “estímulo” que deveria favorecer a criatividade no campo da evangelização.

A crise na Ordem. Neste sexênio, constatamos sinais de crise e também desejos para a mudança, a revitalização e a renovação. Ocupamos do tema da identidade que revela a sua crise na pouca clareza, compreendida e vivida, e no frágil sentido de pertença. Estamos aprofundando o desafio da fidelidade e perseverança em resposta ao fenômeno dos tantos abandonos de nossos confrades. Iniciamos com força e estamos acompanhando processos de redimensionamento e reestruturação em vista de novas possibilidades de vitalidade do carisma. Uma Comissão tomou a sério o estudo da situação da Ordem e do contexto cultural contemporâneo. Um grupo significativo de frades denunciou como alguns aspectos da vida “mundana” entraram no estilo de vida das fraternidades e dos frades individualmente (Ver o *Relatório*). Assim, o insuficiente cuidado pela oração pessoal (41%), constitui o maior risco para a própria vida de fé; a isso se soma a concreta dificuldade de uma excessiva carga de trabalho (34%), que não sempre corresponde a um adequado sustento de satisfatórias relações fraternas (30%) e de orientação espiritual por parte dos superiores; o aburguesamento e o individualismo já assinalados, que por 10,4% pode concluir-se também com a não rara hipótese de

crise de fé (cf. *Relatório*). À diminuição de tensão interior se aproxima ao “mundanismo espiritual” denunciada por Papa Francisco, que «é buscar, em vez da glória do Senhor, a glória humana e o bem-estar pessoal» (EG 93). Eis o fundamento dos frades que interiormente já abandonaram a vida religiosa franciscana, mesmo permanecendo na Ordem, conduzindo uma vida dupla, ou construindo para si ninho individual que lhes torna indiferentes ao resto da vida da fraternidade, ou se comportando de maneira autônoma, o ainda compensando o seu deságio interior com várias estratégias. Foi afirmado que “a mediocridade já é uma perversão” (A. Cencini).

As denúncias expressas da pesquisa significam certamente exigências que são rejeitadas, desejos que se gostaria fossem realizados. De fato se pede um empenho mais explícito por um estilo de vida mais simples e solidário (47%), o melhoramento da qualidade das relações pessoais nas fraternidades (53,9%), e forte empenho pela evangelização e o espírito missionário (40,7%) (*Síntese do relatório*, p. 17).

Os frades entrevistados exprimem também a exigência de ter um sustento indispensável no âmbito espiritual-transcendente (oração, testemunho, caridade), no âmbito simbólico-cultural (cultura, atualização, contatos diversos) e no âmbito psicológico-pessoal (vocação, igreja, missão, partilha) [*Síntese do relatório*, p. 21].

Muitos frades exprimem a preocupação pelo cuidado do nosso carisma, a exigência de integrar sempre melhor a vida ativa com a própria vida de fé, e se mostram abertos à revisão crítica (64,8%), disponíveis a deixar-se envolver num processo de renovação (43,2%) e também motivados a certo entusiasmo pelo que pode ser novo (23,7%).

B. EM DIREÇÃO A UMA NOVA QUALIDADE EVANGÉLICA DE VIDA

“O Evangelho mudou a vida de Francisco e muda a vida de cada um de nós”¹².

São Francisco foi chamado “o santo da crise” porque viveu a própria

¹² PdV 5.

“crise” como momentos de “conversão” e soube resolver positivamente as grandes antinomias críticas que se formam entre o ser e o ter, entre a fraternidade e a hierarquia, entre a cruz e a alegria. O homem está em crise porque quer gerir-se e salvar-se sozinho, ao invés de deixar-se guiar e salvar por Deus. São Francisco, ao contrário, acolhe tudo o que vem de Deus no próprio ser “nada”, coloca toda a sua confiança no Senhor e daqui nasce também a confiança em si mesmo; ele tira as incrustações mundanas para fazer emergir a fonte do ser¹³.

Das provocações que nos chegam das periferias do mundo, nos sentimos fortemente interpelados a reencontrar a “autenticidade” da nossa vida franciscana, que – segundo o *Relatório* – é sentida por muitos jovens e é também estímulo para os anciãos a serem verdadeiros modelos atraentes com um papel a desempenhar. E isto pede para voltar novamente ao essencial, reconhecido por nós no nome “irmãos e menores”; que ajuda a superar a funcionalidade que reduz a Vida Consagrada à função, ao encargo, à profissão, e a quer colocar sob os valores do mundo.

A profecia e a qualidade de vida renovada nos empenham em saber viver a “diferença” cristã e franciscana. Aquela diferença que São Paulo pediu aos cristãos de Roma: «Não vos conformeis a este mundo, mas deixai-vos transformar renovando o vosso modo de pensar, para poder discernir a vontade de Deus, o que é bom, a Ele agradável e perfeito» (*Rm* 12,2). A mesma diferença ou especificidade que constituía «o ideal generoso, amável, perfeito» (2 *Cel* prologo, 2) de São Francisco, o qual «sempre se preocupou em conhecer e seguir a vontade do Senhor» (*LP* ou *Compilatio Assisiensis* 6).

Trata-se do “vinho novo” que o Senhor nos deu com a sua pessoa e com o seu Evangelho, que esteve no centro da reflexão do Conselho Plenário da Ordem (= CPO) celebrado na Polônia, em relação às nossas estruturas; aquele «vinho sempre novo do Evangelho e da nossa *forma de vida*», que necessita de «“ódres novos”, estruturas novas ou renovadas que estejam a serviço da vocação integral dos Frades, e que promovam e facilitam a animação e a fidelidade ao nosso ser irmãos-em-missão para os outros»¹⁴.

¹³ Cf. F. Hadjadj, *Francesco d'Assisi, il santo della crisi*, in “L'utopia di Francesco d'Assisi”, Padova 2013.

¹⁴ CPO 2013, *Decisões e propostas*, n. 20.

Somos convidados pelo Papa Francisco a ousar também neste âmbito: «Não tenhais medo da novidade do Evangelho, não tenhais medo da novidade que o Espírito Santo faz em nós, não tenhais medo da renovação das estruturas!» (*Homilia*, Casa Santa Marta, 6 de julho de 2013).

C. ESCOLHAS E PROPOSTAS CONCRETAS

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ato para superar a visão negativa da crise atual, para vê-la como uma oportunidade e para transforma-la em ocasião positiva para o futuro?

Quais compromissos ou escolhas se deveria/poderia tomar nessa direção?

11

FRADES

«Sede profecia de fraternidade no mundo de hoje»

Papa Benedetto



II.1. IRMÃOS ENTRE NÓS

A. O desafio das relações interpessoais

«Não deixemos que nos roubem o ideal do amor fraterno»¹⁵

As relações interpessoais de comunhão nas nossas Fraternidades são muito comparadas com o já assinalado difuso individualismo, que foi absorvido da cultura circundante, a qual afirma a plena autonomia do sujeito, desfazendo a razão e a liberdade dos vínculos, tanto ontológico como moral, a até negando a alteridade sexual, e com ela a referência a qualquer alteridade¹⁶.

Papa Francisco também denuncia para a Igreja, na qual nos reconhecemos também nós, «uma acentuação do *individualismo*, uma *crise de identidade* e um *declínio do fervor*. São três males que se alimentam entre si» (EG 78).

Do *Relatório* sobre a pesquisa com os frades da Ordem resulta que as dificuldades maiores para viver a alegria da própria profissão religiosa e franciscana estão representadas pela falta de comunicação interpessoal nas Fraternidades (46%), pela falta de organização interna (23,6%) e pelo não compartilhar das escolhas da Fraternidade (21%). A falta de relações satisfatórias na vida de Fraternidade vem indicada também como a primeira dificuldade que torna problemática e frágil a observância do voto de castidade (41,8%). Assim, o voto de obediência é muitas vezes questionado pela forte procura pessoal da própria autonomia, pelo individualismo (36,1%), e por comportamentos de orgulho e soberba pessoais (25,6%).

A comunhão fraterna é dificultada pela excessiva carga de trabalho e pela rotina cotidiana que alienam da vida da Fraternidade (34%), agravada pela falta de sustento da parte dos confrades (30%). «Em outros

¹⁵ EG 101.

¹⁶ Cf. G. Buffon, *Ad lectores*, in “Antonianum” cit.

termos é a denúncia sofrida e dramática de muitos frades que se traduz em forma de isolamento, de individualismo, de pouca caridade fraterna, de escasso acompanhamento e interesse, de pouco cuidado e atenção recíproca sobre a vida dos confrades, sobre o seu trabalho pessoal, sobre o interesse (não curioso e fofoqueiro), mas amoroso e cordial, que fazem da fraternidade uma verdadeira... família. Numa palavra, podemos identificá-lo na dificuldade de criar e gerir a continuidade de relações interpessoais satisfatórias» (*Relatório*, p. 67).

Todavia, registramos também muitos contentamentos pela vida fraterna presentes no *Relatório* e o compromisso de muitas fraternidades na Ordem em viver autêntica comunhão fraterna. Este é também o sonho, o desejo, das gerações mais jovens de frades que, mesmo nas suas incoerências, aspiram viver e testemunhar autêntica fraternidade franciscana.

B. Em direção a uma comunhão de vida em construção

*“E amem-se mutuamente... e mostrem por obras o amor que têm uns aos outros...”*¹⁷

A exigência para melhorar a comunhão fraterna na Ordem foi sempre a preocupação dos Ministros gerais, Insistiu-se sobre a necessidade de «investir em Fraternidades ‘significativas’, mais que “eficientes”» (Giacomo Bini, 2003). Chamava-se à necessidade de viver «uma Fraternidade e uma comunhão cuja construção não será jamais concluída; uma fraternidade e uma comunhão edificadas sobre a fraqueza humana, sobre a reconciliação, sobre o perdão e a misericórdia, e construída sobre a base do sacrifício, da morte se si mesmo, para que renasça a vida fraterna» (José R. Carballo, 2006). Foi reiterado que «o mundo atual e também nós temos fome de fraternidade na qual se respire Deus e a humanidade, lugares de encontro e de amizade, de recíproca confiança, de acolhida e apoio, de perdão, de serenidade e de festa» (José R. Carballo, 2009).

A maioria dos frades entrevistados crê que para revitalizar a Ordem é necessário, em primeiro lugar, melhorar a qualidade fraterna das relações em Fraternidade (53,9%).

¹⁷ *Rnb* 11, 5-6.

As motivações e os caminhos para construir sempre de novo e sempre melhor a comunhão fraterna fazem parte do nosso patrimônio espiritual e são repetidamente propostos nas várias iniciativas da formação permanente, mesmo se com pouco sucesso!

O recente Conselho Plenário reafirmou que a estrutura fundamental da Ordem é a pessoa do frade-em-relação, que a chamada à comunhão fraterna se funda sobre a comunhão com Cristo e caracteriza a nossa identidade, «sustenta a nossa liberdade de filhos de Deus, [...] e enche-nos de alegria que só pode vir de uma intimidade pessoal com Cristo». Por isso – continua o documento do CPO – «a vida de comunhão - comunhão com Cristo, comunhão com os irmãos, comunhão com todas as pessoas e com toda a criação - é o coração da vocação de cada Frade, e é, por isso, fundamental para a nossa identidade de Frades Menores»¹⁸.

Papa Francisco também desenvolveu amplamente este aspecto da vida religiosa, considerando-o no contexto duma humanidade que necessita de reconciliação e de paz, que sejam fundadas sobre a vocação universal à fraternidade: «a humanidade traz inscrita em si uma vocação à fraternidade, mas também a possibilidade dramática do sua traição». A verdadeira Fraternidade - recorda o Pontífice - é fundada sobre a paternidade de Deus, é regenerada em e por Jesus Cristo, gera paz social porque cria equilíbrio entre liberdade e justiça, entre responsabilidade pessoal e solidariedade, entre bem dos indivíduos e o bem comum. Além disso, a fraternidade ajuda a preservar e cultivar a natureza. Por tudo isso, a fraternidade necessita ser descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada. Mas é só o amor dado por Deus que nos consente acolher e viver plenamente a fraternidade¹⁹.

Ainda, para curar-se das dificuldades das relações interpessoais, da fadiga de viver e construir relações de comunhão, Papa Francisco propõe à Igreja e a nós todos construir «uma fraternidade *mística*, contemplativa, que sabe ver a grandeza sacra do próximo, que sabe descobrir Deus em cada ser humano, que sabe suportar as moléstias do viver junto, agarrando-se ao amor de Deus, que sabe abrir o coração ao amor divino para buscar a felicidade dos outros como a busca o seu bom Pai» (EG 92).

¹⁸ CPO 2013, *Princípios inspiradores*, n. 6-12.

¹⁹ Cf. Papa Francesco, *Mensagem para a jornada da paz 2014*.

E as nossas Constituições gerais indicam com realismo franciscano que «todos os irmãos tenham entre si o hábito de espírito familiar e de mútua amizade, cultivem a cortesia, a jovialidade e todas as demais virtudes, de forma que, sendo um para o outro, um constante estímulo de esperança, de paz e de alegria, cheguem à plena maturidade humana, cristã e religiosa unidos em verdadeira fraternidade» (CCGG 39).

Se uma pessoa não consegue viver a fraternidade não pode viver a vida religiosa, afirmou o Papa diante dos Superiores gerais, e às Clarissas do Protomosteiro de Assis pediu para serem mais humanas, mais verdadeiras. Para nós, o convite é para ser mais irmãos para contagiar todos com o nosso estilo de vida de “fraternidade na minoridade”.

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ato para construir relações de comunhão na fraternidade local e na Entidade?

Qual compromisso concreto propondes para ser “profecia de fraternidade”?

II.2.

IRMÃOS COM TODAS AS CRIATURAS

A. O desafio das relações com todas as criaturas

*Sim a relações novas com todas as criaturas*²⁰

Junto ao individualismo sempre mais difuso, o nosso tempo é marcado por um pluralismo de todo tipo. A “crise da pluralidade” que assinamos antes (I, A) interpela as nossas Fraternidades saber construir relações interpessoais com outros grupos, tanto ao interno como ao externo, grupos diferentes por cultura, por religião e por características étnicas. Os frades estão normalmente em contato com pessoas ou grupos que provêm de imigração forçada, portadora de tantas diferenças antropológicas. Há também o desafio da proliferação de novos movimentos religiosos, que, às vezes, tendem ao fundamentalismo ou parecem oferecer uma espiritualidade sem Deus, e que, em todo caso, representam um desafio cultural para a evangelização (cf EG 63).

Os lugares mais específicos do pluralismo e da multiculturalidade são as cidades, onde «o elemento religioso é mediado por diferentes estilos de vida, por costumes ligados a um sentido do tempo, do território e das relações que difere do estilo das populações rurais» (EG 72). Nas cidades se geram novas culturas, novas linguagens, símbolos, mensagens, paradigmas de vida, novos setores e novos grupos²¹. Todos estes fenômenos em evolução interpelam a nós franciscanos, e todos os cristãos, para saber abrir manter diálogo que seja respeitoso, acolhedor, e que possa favorecer uma convivência pacífica.

Relação difícil e muito problemática se encontra também com a criação: «somos muito guiados pela avareza – afirma Papa Francisco – pela soberba do dominar, do possuir, do manipular, do desfrutar; não custodiamos a natureza, não a respeitamos, não a consideramos como um

²⁰ Cf. EG 87- 92.

²¹ Cf. EG 73-74.

dom gratuito do qual cuidar e para colocar a serviço dos irmãos, compreendidas as gerações futuras»²². Neste âmbito, a nossa Ordem já se mexeu, participando de movimentos “ecológicos” e instituindo em todos os níveis o serviço para justiça, a paz e a salvaguarda da criação. Porém, devemos reconhecer que uma verdadeira “ecologia franciscana” não foi ainda desenvolvida e não penetrou na sensibilidade geral dos frades.

Na nossa linguagem, as relações interpessoais se estendem para outras comunidades franciscanas (Família franciscana), às comunidades eclesiais locais (Fraternidades eclesiais), às relações com grupos humanos diversos (Fraternidade universal) e com todos os seres animados e não animados que estão na criação (Fraternidade cósmica). A fraternidade, que é dimensão essencial do nosso carisma, nos pede para sermos sempre verdadeiramente “irmãos”, de todos e em todos os lugares.

Também nós, como cada cristão, somos convidados «a superar a suspeita, a desconfiança permanente, o medo de sermos invadidos, as atitudes defensivas que nos impõe o mundo atual [... porque] sair de si mesmo e unir-se aos outros faz bem»²³. «Neste tempo – afirma ainda o Pontífice – em que as redes e demais instrumentos da comunicação humana alcançaram progressos inauditos, sentimos o desafio de descobrir e transmitir a “mística” de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o abraço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada» (EG 87).

B. Em direção ao diálogo com todos e o cuidado da criação

*“Proclamem o Evangelho em todo o mundo e a toda criatura...”*²⁴

O mundo tem uma imensa necessidade de fraternidade e de ver que é possível viver junto na diversidade. Neste tempo, marcado pela diferença, nós frades menores somos interpelados a dar respostas concretas. O recente Conselho Plenário nos recorda que «o fundamento da vocação

²² Papa Francesco, *Mensagem para a jornada da paz 2014*.

²³ EG 87-88.

²⁴ CCGG 83§1

de cada Frade Menor é a chamada de Deus para viver em comunhão com Ele, com os irmãos e com o mundo inteiro»²⁵. Nós devemos nos sentir “experts” em fraternidade e comprometidos em testemunhar e difundir as manifestações concretas que caracterizam a “fraternidade franciscana”, ou seja: a igualdade entre todos (cf. *Rnb* 5,9-17); a reciprocidade no amor, no serviço; a subsidiariedade embasada na confiança recíproca; a misericórdia que sabe acolher, corrigir e perdoar; a alegria e o júbilo que cada um sabe transmitir numa comunhão simples e sincera²⁶.

A primeira condição é remeter *ao centro a relação pessoal com Jesus Cristo*. Não somos frades menores pela profissão ou serviço que desenvolvemos, mas porque respondemos ao chamado, a escolhemos Ele, o Senhor, e que é por Ele que vivemos em recíproca dependência em fraternidade. «Trata-se de aprender a *descobrir Jesus no rosto dos outros*, na sua voz, nas suas reivindicações; e aprender também a sofrer, num abraço com Jesus Crucificado, quando recebemos agressões injustas e ingratidões, sem nos cansarmos de optar pela fraternidade» (EG 91).

A segunda condição – que é consequência da primeira – é de *transformar a vida em comum em comunhão de vida*. A “comunhão de vida é tudo” (José Maria Arnaiz). Porque onde há comunhão de vida se tem vida. Hoje somos chamados a fazer da comunhão em fraternidade o primeiro conteúdo da missão²⁷.

A terceira condição é de retornar a ser todos os *novos cantores e custódios da criação*, a exemplo de São Francisco, reconhecendo as pegadas do Senhor e a “gramática” que está inscrita nela e que representa os melhores recursos para vantagem de toda a humanidade²⁸. As nossas Constituições gerais nos dizem: «Seguindo os passos de São Francisco, os irmãos mostrem sentimentos de respeito pela natureza, hoje por toda a parte ameaçada, de modo a torná-la totalmente fraterna e útil a todos os homens para a glória do Deus Criador» (CCGG 71).

²⁵ CPO 2013, *Princípios inspiradores* n. 8.

²⁶ Cf. F. Uribe, *Ejes del carisma*, cit. p. 56-64.

²⁷ Cf. M. Jöhri, ofmcap, *Il contributo dei francescani per la nuova evangelizzazione*, privato.

²⁸ Cf. *Mensagem para a jornada da paz 2014*.

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ação para construir a unidade na diversidade, interna e externamente, e para formar fraternidades que sejam cuidadoras da criação?

Qual compromisso assumir para iniciar e desenvolver o diálogo entre os frades e com todas as pessoas?

II.3. IRMÃOS “EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO”²⁹

A. Novos cenários para uma nova evangelização

“*Não nos deixemos roubar o Evangelho!*”³⁰

O Sínodo dos Bispos sobre “a nova evangelização para a transmissão da fé cristã” (7-28 de outubro de 2012) tomou em exame os novos cenários humanos dentro dos quais a evangelização da Igreja é chamada a renovar-se. Em particular foram identificados os seguintes cenários:

O *cenário cultural*. Está focalizado na secularização, e «se apresenta hoje nas nossas culturas através da imagem positiva da libertação, da possibilidade de imaginar a vida do mundo e da humanidade sem referência à transcendência»³¹. Só em alguns casos persiste o tom anticristão ou antirreligioso ou anticlerical. Desenvolveu-se como mentalidade difusa na qual Deus não tem mais lugar, é ausente. Deus não é mais visto como necessário. Esta mentalidade entrou nas comunidades eclesiais, enquanto se difundiu a mentalidade hedonista, consumista, junto a formas de espiritualidade individualista ou esotérica.

Mas o que une os crentes e os secularizados é o humano. Pode-se se encontrar no que é humanamente verdadeiro e sério.

O *cenário social*. É caracterizado pelas migrações e pela globalização. O grande fenômeno migratório favorece «um encontro e uma mistura de culturas» (IL 55) e «o desmoronamento das referências fundamentais da vida» (idem), como os valores tradicionais, os laços familiares, etc. A globalização contém aspectos negativos (especialmente em nível econômico), mas também possibilidades de crescimento (novas formas de solidariedade e de desenvolvimento).

²⁹ EG 25.

³⁰ EG 97.

³¹ Sínodo dos Bispos, *Instrumentum laboris* (Roma 2012), n. 52. Em seguida: *IL*.

O cenário econômico. Há um aumento do fosso entre os ricos e os pobres, que gera as desigualdades injustas e provoca tensões e violências. Também a crise econômica mundial abriu o problema da utilização dos recursos naturais e humanos (trabalhadores).

O cenário político. «O emergir sobre a cena mundial de novos atores econômicos, políticos e religiosos, como o mundo islâmico, o mundo asiático, criou uma situação inédita e totalmente desconhecida, rica de potencialidades, mas também cheia de riscos e de novas tentações de domínio e de poder» (IL 57). A estas novas urgências se devem dar novas respostas da parte das comunidades eclesiais.

O cenário técnico-científico. Os progressos neste campo são múltiplos e maravilhosos, mas apresentam «perigos de excessivas expectativas e manipulações» (IL 58). A ciência se torna como nova religião sob a forma de gnose, na qual os conhecimentos científicos são nova sabedoria de vida. Está nascendo a “religião da prosperidade”.

O cenário comunicativo. As novas tecnologias digitais e informáticas deram origem a um novo “lugar” de vida pública, a novo espaço social, cujos laços são capazes de influenciar sobre a sociedade e sobre a cultura. Os processos midiáticos chegam a transformar a realidade, permitem uma ampliação das potencialidades humanas. Há benefícios e riscos, entre os quais a cultura do efêmero, do imediato, do emotivo, da aparência, sem memória e sem futuro. Tais meios de comunicação são percebidos como muito importantes para inculturar o Evangelho (cf. RM 37c) e sucessivamente serem usados na evangelização, mas com discernimento crítico e com uso sábio e responsável.

O cenário religioso. Constata-se também o retorno do senso religioso e da exigência multiforme de espiritualidade. Vários e diversos lugares são os sinais de renascimento religioso. Há, porém, fenômenos de fundamentalismo religioso, de proliferação de grupos religiosos que assumem a forma de seitas. De um lado os cristãos devem ficar fiéis ao anúncio do Evangelho, do outro devem abrir-se ao diálogo aberto e construtivo³².

Papa Francisco quis ir além, escolhendo «propor algumas diretrizes que possam encorajar e orientar, em toda a Igreja, uma *nova etapa evangelizadora*, cheia de ardor e dinamismo» (EG 17). Ele desenvolve em primeiro lugar a autoevangelização da Igreja, uma renovação interna ligada

³² Cf. IL n. 51-75.

a uma orientação social, para «delinear um preciso estilo evangelizador que – afirma o Papa – convido a assumir *em qualquer atividade que se realize*» (EG 18). Por isso, ele acuradamente afirma: «Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espiritual ou pastoral! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho!» (EG 97).

Do *Relatório* sobre a pesquisa emerge, primeiramente, um compromisso geral dos frades na evangelização, em particular, para consolidar a vida eclesial, e a disponibilidade em caminhar na direção de algo aberto, positivo, em comparação com certo pessimismo. Nota-se o desejo difuso de futuro, de renovação da parte da maioria dos frades. Todavia, se encontra também um fosso entre as respostas dadas, que exprimem muito dos desejos, e a vida real, que não corresponde aos resultados do questionário. Assim, por exemplo, quase não existe reflexão sobre a *missão ad gentes*, ausente no questionário. E sabemos quanto diminuiu o empenho missionário, indicado claramente pela dificuldade para se ter novos missionários “*ad gentes*”, enquanto é conhecimento comum que a Ordem se reforçou e cresceu quando foi missionária. Insuficiente, no *Relatório*, também é a avaliação sobre a pastoral dos Santuários, mesmo que sejam tão numerosos na Ordem. De outro lado, aparece excessivo o número das paróquias, tanto que mais da metade dos frades no mundo trabalha no ministério paroquial.

B. Em direção a uma conversão missionária com novos evangelizadores

“*Todos os irmãos participem do múnus evangelizador da Igreja...*”³³

Francisco de Assis teve a revelação, na Porciúncula, que era chamado a ser discípulo fiel e testemunho autêntico do Senhor Jesus. A evangelização é inscrita no dom da vocação. A evangelização/missão é a razão do nosso ser frades menores. Todos nós fomos chamados e enviados a levar a

³³ CCGG 83§2.

boa notícia a todos os povos (cf. Ord 5-11). «Todos os irmãos – afirmam as Constituições gerais – participem do múnus evangelizador da Igreja e, seguindo o exemplo de São Francisco, que “desde todo o seu corpo fez uma língua”, estejam prontos a acolher a inspiração do Senhor e, onde quer que forem chamados e enviados, por palavras e obras, edifiquem todos os povos com a pureza de toda a sua vida» (CCGG 83 § 2). Todos os frades menores são “portadores do dom do Evangelho” (*Capítulo geral* 2009) no meio das pessoas e de todos os povos (*ad e inter gentes*).

Papa Francisco afirma: «Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação» (*EG* 27). Ele chama a comunidade dos discípulos a ser «uma Igreja em saída» (*EG* 20 ss.), e declara: «a Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas» (*EG* 46). Nós então podemos dizer: uma Ordem “em saída” é uma Ordem com as portas abertas.

O Pontífice convida a sair em direção as “fronteiras da missão”, que ele individua especialmente na marginalização e nas pobreza materiais e morais, na cultura do pensamento único e débil, na educação onde, através de conhecimentos e de valores, se pode transmitir a fé. O último Capítulo geral (2009) nos convidou a «habitar as fronteiras» (*PdV* 22-24), aquelas fronteiras que «para alguns se tornam intransitáveis, para outros quase não existem. O fenômeno da imigração se inscreve nesta dialética, especialmente quando se trata de refugiados [...] A sua é uma itinerância pobre e minorítica» (*PdV* 23). E o Capítulo se perguntava: «Nós Frades Menores podemos encontrar um espaço social no qual estes valores do nosso carisma estejam mais bem representados? Uma presença evangélica entre eles seria um sinal de restituição particularmente eloquente neste mundo onde só o fluxo de dinheiro, de bens e de serviços encontra trânsito livre, mas não as pessoas, menos ainda os pobres, sacramento do Filho de Deus que foi pobre e hóspede» (*Idem*).

Outras fronteiras para “habitar” são os lugares humanos dos conflitos e da violência, os ambientes que reivindicam a reconciliação, o pluralismo ideológico e religioso, a natureza instrumentalizada e violentada. «Evangelizar envolve a busca de tornar porosos nossos confins para permitir o fluxo da intercomunhão e da comunicação» (*PdV* 22). E o Pontífice reforça: «todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair

da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (EG 20).

Uma fraternidade “em saída” tem como “sinais” o «ter, por todos os lados, igrejas com as portas abertas» (EG 47), o oferecer «espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas» (EG 73), o desenvolver a solidariedade com os pobres e a colaboração com outras iniciativas religiosas e sociais. Os apelos do Papa neste sentido são explícitos: somos um «povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda a necessária expressão institucional» (EG 111); devemos ser uma fraternidade que seja «fermento de Deus no meio da humanidade... lugar da misericórdia gratuita» (EG 114), porque «a missão é um estímulo constante para não nos acomodarmos na mediocridade, mas continuarmos a crescer» (EG 121).

Para nós, frades menores, “sair” quer dizer: rever muitas das nossas atitudes; dispor-nos a fazer mudanças no nosso modo de viver, com humildade e paciência; ter a coragem de nos sentir sempre em caminho; não ter medo de se sujar por ter andado nas estradas, e não se fechar nem se agarrar às próprias seguranças (cf. EG 49); preferir/privilegiar a qualidade da vida fraterna à vontade de manter os lugares que se tem (estruturas): «de fato nos agarramos com extrema facilidade a casas, ideias e tudo mais e não nos damos conta que podem se transformar nos nossos cemitérios»³⁴.

É preciso não esquecer “a dimensão social da evangelização”, claramente indicada por Paulo VI na *Evangelii nuntiandi* (1975) e retomada e atualizada pelo Papa Francisco na *Evangelii gaudium* (2013), para não “desfigurar” o sentido global da missão evangelizadora. O *kerygma* é o Reino de Deus, e cada testemunho ou palavra evangélica tem repercussão comunitária e social. Há uma interação constante entre o Evangelho vivido e proclamado, de uma parte, e, de outra, a vida concreta, pessoal e social do homem. Escreve Papa Francisco: «A proposta é o Reino de Deus (cf. Lc 4,43); trata-se de amar a Deus, que reina no mundo. Na medida em que Ele conseguir reinar entre nós, a vida social será um espaço de fraternidade, de justiça, de paz, de dignidade para todos. Por isso, tanto o anúncio como a experiência cristã tendem a provocar consequências cristãs» (EG 180).

³⁴ M. Jöhri, *Il contributo dei francescani per la nuova evangelizzazione*, privato.

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ação para reencontrar o empenho, o ardor missionário, nos frades?

Qual “política missionária” podeis instaurar nas vossas Entidades e podeis propor à Ordem?

111

MENORES

“Caros Irmãos, por favor, guardai a minoridade”

Papa Francisco



III.1.

A MINORIDADE, ELEMENTO CHAVE DA IDENTIDADE FRANCISCANA

*“Todos os frades sejam menores e submissos a todos...”*³⁵

A. A crise de identidade num mundo que muda

Não a uma minoridade alienada!

A crise de identidade é uma das crises na nossa sociedade. Para a vida religiosa, e também nas nossas Fraternidades, *os sinais da crise* – sobretudo em algumas áreas geográficas – podem ser reconhecidos ao menos nos seguintes aspectos: a “redução” veloz do número de pessoal (poucas vocações e envelhecimento); o nivelamento ao mínimo da vida dos religiosos; o aburguesamento do estilo de vida; o individualismo crescente (no centro não mais está Deus, mas o «eu» a qualquer preço); o ativismo acima das forças e a perda do “espírito” (*secura espiritual*); missão ou apostolado entendido e vividos mais como obra ou atividade (de suplência) do que como “testemunho”; “duplicidade” de pertença (religiosos que se identificam demais com os Movimentos eclesiais).

Mas é importante ir às *raízes da crise*. Uma “causa” ou fator da crise da Vida religiosa, como também da crise da Igreja em geral, vem *do exterior*, ou seja, da transição de cultura e de civilização, da perda de valores, etc. Muitas vezes o mundo, no sentido mais problemático, entrou no convento, nas celas dos religiosos (por meio da Internet e vários novos meios de comunicação à distância: Facebook, Skype, Twitter...). Todavia, existe também, e talvez, sobretudo, uma *raiz interna* que consiste no “aviltamento” da qualidade de vida de seus membros, da anemia espiritual, da impaciência difusa das regras e dos votos. Neste sentido a crise é ao mesmo tempo um juízo de Deus e uma prova em vista da purificação³⁶.

³⁵ Rnb 7, 1-2.

³⁶ Cf. B. Maggioni, *Alle radici della sequela*, p. 104-105.

Segundo a pesquisa (ver: *Relatório*), os frades denunciam alguns fatores ou situações que influenciam negativamente sobre o estilo de “menores” e sobre a fidelidade à nossa identidade. As principais situações negativas são reconhecidas no estilo de vida muito secularizado na vida das fraternidades (64 %), na formação inicial muito cômoda, onde tudo vêm assegurado e habitua a uma vida confortável (61,4 %), na falta de uma visão sobrenatural (59,2 %) e, logo, cristológica da minoridade, e depois a falta de um projeto compartilhado de minoridade (52,4 %). Por outro lado, poucos frades pensam que é importante ganhar a vida com o próprio trabalho (18 %), ainda menos são aqueles que creem na importância de compartilhar os bens materiais com os pobres (14 %) ou mesmo, praticar uma solidariedade efetiva com as vítimas da injustiça ou aliviar a pobreza dos outros (13%).

Sobre estes aspectos que “deformam” a vida em minoridade os frades mostram um amplo consenso. Enquanto não se encontra a mesma visão sobre a influência que se deve atribuir ao apego a posições do passado, a adaptação à sociedade de hoje por exigência do apostolado, ao mal-estar percebido pela dependência econômica, à separação entre sacerdotes e leigos: para alguns também estes fatores influem negativamente, enquanto que outras avaliações diferem e são mais articuladas.

Outros sinais, que indicam como sofremos sempre mais em sermos menores e em viver como menores, são o standard fácil e seguro de vida das fraternidades, que não são tocadas pela crise econômica geral, a dificuldade em vencer orgulho pessoal que arruína as relações interpessoais, a dificuldade paralela em gerir a autoridade como serviço, por um lado, e a obedecer aos ministros, por outro, e depois há o costume difuso de “apropriar-se” indevidamente do dinheiro recebido, dos encargos, das atividades e das obras consideradas pessoais.

Em outras palavras, constata-se que muitos frades têm necessidade de recuperar o significado profundo da minoridade, que engloba a relação com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o universo; inclui a humildade, o serviço e a obediência recíproca, o compartilhamento do poder, a obediência à Igreja, o “sine proprio” e a solidariedade.³⁷

Constatamos assim, que muitas fraternidades na Ordem vivem na

³⁷ Cf. F. Uribe, “*Omnes vocentur fratres minores*” (Rnb 6,3). *Hacia una identificación de la minoridad de los Escritos de San Francisco de Asís*, in “Verdad y Vida” 236 (2003) 63-104.

simplicidade, com um estilo austero, disponíveis também a doar o “superávit” das suas economias locais, abertas aos desafios e às emergências que se apresentam às suas atenções.

B. Em direção a um estilo de vida profético na minoridade

“Desejo uma Igreja pobre para o pobres”³⁸

Francisco respondeu ao cardeal de Hóstia: «Senhor, meus irmãos foram chamados de Menores para que não presumam tornar-se maiores» (2 Cel 148). «A palavra *menor* descreve a modalidade do *como* ser irmãos e do *como* viver e anunciar o Evangelho. Em outras palavras: o nome indica antes de tudo um programa de vida, um modo peculiar de compreender e expressar a nossa relação com Deus, com os outros e com a criação, e de colocar-nos a serviço da Igreja e do mundo»³⁹. O ser menores é a expressão radical da *sequela* de Cristo, que se esvaziou e abaixou (*kenosis*), que lavou os pés e se solidarizou com toda a humanidade frágil e pecadora. A minoridade é a modalidade concreta de viver o *sine proprio*, a não apropriação indevida, na relação com Deus, com os irmãos, consigo mesmo e com a criação.

O *sine proprio/minoritas* define, pois, o modo franciscano de viver os votos: a obediência que «confunde toda vontade *própria*» (SalVirt 14), a pobreza e humildade pela qual o frade «verdadeiramente vive sem nada de próprio» (Am 11; cf. Am 8; 14), e a castidade pela qual se resiste ao desejo de apropriar-se do próprio corpo e daquele de um outro/a (cf. 2Cel 113.114). A minoridade como renúncia a qualquer domínio e possessão significa também rejeição da violência e do abuso, e logo, uma forte escolha pela reconciliação e pela paz⁴⁰.

A minoridade, juntamente à fraternidade, é o aspecto que mais nos caracteriza e nos identifica como franciscanos. O desafio que devemos recolher é aquele de viver realmente quanto prometemos: «Para seguir

³⁸ EG 198.

³⁹ *Peregrinos e forasteiros neste mundo. Subsídio para a formação permanente sobre o Capítulo IV das Constituições gerais OFM*, Roma 2008, p.14.

⁴⁰ Para a estreita relação entre “minoritas” e “sine proprio”, cf. C. Vaiani, *La via di Francesco*, Milano 1993, p. 39.

mais de perto e testemunhar com maior clareza o aniquilamento do Salvador, os irmãos adotem na sociedade a vida e a condição dos pequenos, morando sempre entre eles como menores; e, nessa condição social, contribuam para o advento do Reino de Deus»⁴¹ e «vivam neste mundo como promotores da justiça e como arautos e artífices da paz, vencendo o mal pela prática do bem »⁴². Isto significa rever e renovar à luz do ser menor a nossa vida com Deus, o estilo de vida cotidiana, a maneira de evangelizar e de andar em missão.

À dimensão da minoridade também deve conformar-se a maneira de viver as relações interpessoais e o serviço da autoridade, como bem o recordou o CPO 2013: «Frei Francisco nos seus escritos nos indica um “estilo tipicamente minorítico” de viver as relações fraternas e a autoridade “como servos e sujeitos a todos, pacíficos e humildes de coração” (CCGG 64), sem apropriar-se dos cargos e dos ofícios».⁴³ Isto ajudaria a superar os conflitos interpessoais, a fortificar o sentido de confiança e de pertença, a sustentar a fidelidade e a perseverança, e a infundir nos Ministros «um radical espírito de abertura». O “estilo minorítico” de viver a fraternidade ajuda também a evitar «o abuso na comunhão fraterna» por parte dos irmãos.⁴⁴

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em prática para construir um estilo de vida profético em minoridade?

Quais escolhas e quais compromissos assumir, em nível de fraternidade local, provincial e universal, para viver concretamente a profissão da minoridade?

⁴¹ CCGG 66 § 1

⁴² CCGG 68 § 1.

⁴³ CPO 2013, *Princípios inspiradores*, n. 14.

⁴⁴ CPO 2013, *Idem*, n. 15-17.

III.2.

ECONOMIA E MINORIDADE

A. O desafio de uma economia transparente e solidária

“Não a uma economia da exclusão e da desigualdade”⁴⁵

O atual modelo econômico promove a concentração das riquezas e do poder na mão de poucos e provoca a pobreza de muitos. Famílias e populações inteiras são vítimas da economia dominante, que se caracteriza por ser uma economia de exclusão, porque marginaliza os fracos, e uma economia da desigualdade iníqua, porque priva as pessoas do necessário. Quando o dinheiro se transforma num ídolo, num fetiche, o homem torna-se seu escravo e de fato nega-se o primado da pessoa humana. Daqui a necessidade de reencontrar uma ética, que reenvia a um Deus que está além e sobre as leis do mercado.⁴⁶ Uma economia que não coloca a pessoa humana no centro, nem respeita o ambiente, a natureza, é iníqua no presente e irresponsável para com o futuro das novas gerações. Ao mesmo tempo existe ainda uma ampla busca e aspiração por uma economia mais solidária, mais fraterna, humana, em base às necessidades reais, em base à sustentabilidade, com respeito à pessoa humana e à natureza, ao ambiente.

Algumas lógicas da economia de mercado também entraram no nosso mundo franciscano. Papa Francesco, com força, afirmou: «O dinheiro deve servir e não governar!» (EG 58). Segundo o *Relatório* sobre a pesquisa, muitos frades denunciam o aburguesamento da vida nas Fraternidades, um estilo muito cômodo de vida nas casas de formação, uma espécie de secularização do espírito dos frades menores. Estas são denúncias que exprimem ao mesmo tempo um lamento daquilo que não mais sé é e um desejo daquilo que se gostaria e deveria ser e viver para ser e sentir-se verdadeiramente “frades e menores” no nosso tempo. De fato, 47 % dos entrevistados pedem um explícito e direto compromisso

⁴⁵ EG 53.

⁴⁶ Uma análise mais aprofundada neste sentido encontra-se em EG 52-59.

por um estilo de vida mais simples e solidário. Um compromisso que chegue a transformar cada frade «num sinal profético que denuncie os “falsos valores” do nosso tempo» (CCGG 67).

Por outro lado sabemos que uma economia particular ou gestão econômica exprime um estilo de vida. Os relatórios dos Visitadores gerais sobre este ponto geralmente são unânimes em afirmar que seguidamente, muito seguidamente, existe nas Províncias uma economia não transparente, individual em muitos casos, direcionada mais ao bem-estar do que à solidariedade e à comunhão. A pesquisa mostra como nos frades ainda é muito baixa a exigência de trabalhar por uma economia igualitária e solidária (19.2%) ou da promoção de formas de participação política, social e cultural (12.2%).

Na carta à Ordem, por ocasião da festa de São Francisco de 2012⁴⁷, o Definitório Geral se perguntava: «Como podemos viver hoje, de maneira fiel e significativa, a nossa escolha de pobreza, a solidariedade, o testemunho que dá dignidade e ainda uma oportunidade à situação negativa que chamamos “crise”? O sofrimento de tantas pessoas – especialmente daquelas mais fracas –, é fonte de preocupação para nós, desejosos de continuar sendo os *frades do povo*?» A carta continuava afirmando que «a crise hodierna pode ser, para nós, um chamado do Espírito, um «tempo de graça» para mudar o nosso olhar sobre o mundo e para tornar-nos mais solidários. Por isso ela não pode deixar-nos indiferentes, mas deve provocar em nós, nas Fraternidades locais e provinciais, uma avaliação exigente sobre o nosso estilo de vida, sobre a atuação concreta do *sine proprio*, sobre a organização econômica das nossas instituições, sobre nossa capacidade de compartilhar com os pobres e os marginalizados. Começando pela vida interna das nossas Fraternidades, a emergência socioeconômica atual não deveria despertar em cada Frade a disponibilidade à gratuidade e à reciprocidade? Como justificar as contas bancárias pessoais ou o reter para si bens (salários, aposentadorias, doações...) que pertencem à Fraternidade e que deveriam ser compartilhadas também com os pobres mais necessitados? Somos honestos com a sociedade pagando os impostos? Estamos em dia com as leis trabalhistas de nossos trabalhadores? [...] Como podemos infundir coragem e esperança nos novos pobres, se nós mesmos não con-

⁴⁷ *Solidários responsáveis. Os Frades Menores na crise atual.* Carta do Definitório geral por ocasião da festa de São Francisco 2012.

seguimos abrir mão de tantas “necessidades não necessárias”? A austeridade provocada pela crise deveria também fazer-nos rever o uso dos bens móveis (ex.: acúmulo de dinheiro, cf. CCGG 82 §3; e a nossa confiança na Providência?) e imóveis (tantos espaços vazios). Quantas famílias despejadas, quantos imigrantes sem residência fixa, quantas Associações de tipo assistencial poderiam usufruir de tantos locais que temos e que não são utilizados? E o dinheiro, em que bancos preferimos depositá-lo? Parece, hoje, ser necessário antes de tudo conhecer como os Bancos utilizam as nossas economias: para promover projetos econômicos, sociais, culturais que respeitam os direitos humanos e o cuidado da criação ou para atividades contrárias aos nossos princípios éticos?»

B. Em direção a uma economia de comunhão e de solidariedade

“Os frades usem o dinheiro da maneira que convêm aos pobres” (CCGG 82 § 1)

A nossa espiritualidade e tradição nos oferecem chaves de leitura e de discernimento muito importantes. São Francisco estava convencido que todos os bens, espirituais e materiais, pertencem a Deus que os doa para o bem de todos: não nos pertencem pessoalmente (cf. *Rnb* 17,18). Nós os recebemos como administradores para colocá-los a serviço de todos. Esta visão de Francisco concorda com os ensinamentos dos Padres sobre a destinação universal dos bens, ensinamento retomado pelo Magistério social pós-conciliar da Igreja.

A isto está vinculada a restituição. Para Francisco a partilha ou a solidariedade é uma consequência lógica do seu conceito de propriedade. Para ele, Deus é o único proprietário de todos os bens e que os distribui com generosidade a todas as pessoas (cf. *2Cel* 77). O uso das coisas é determinado pela necessidade: as coisas são de quem delas necessita. Para Francisco a doação do manto aos pobres não é outra coisa, senão restituição, entendida como justiça: ele se sentia um ladrão se não compartilhasse aquilo que possuía com aqueles que tinham mais necessidades (cf. *2Cel* 87; 92).

Na profissão prometemos usar as coisas «em pobreza e humildade», e utilizar os bens de modo a serem «compartilhados em benefício dos pobres» (CCGG 72 § 1.3). As Constituições Gerais também pedem a todos os frades que «considerem o trabalho e o serviço como um dom de

Deus, e assim, se apresentem como menores que ninguém deve temer, pois procuram servir e não dominar» (CCGG 76 § 1).

Aceitando que a nossa pobreza é sempre um pouco anômala, pois não indica jamais uma total precariedade ou ausência de segurança, reconhecamos que a palavra “pobreza” «não indica a falta absoluta dos bens, mas acima de tudo uma sobriedade e essencialidade no uso das coisas, uma ética do suficiente que se contrapõem, de muitos modos, à atual sociedade de consumo [... e também] se queremos tornar-nos sempre mais pobres, também materialmente, iniciemos a compartilhar os bens que usamos com os pobres do nosso tempo»⁴⁸.

Ainda, Papa Francisco diz à comunidade cristã, e também a nós: «Exorto-vos a uma solidariedade desinteressada e a um regresso da economia e das finanças a uma ética propícia ao ser humano» (EG 58).

Na citada carta pela festa de São Francisco em 2012, o Definitório Geral afirmava: «As nossas escolhas no campo do consumo, da poupança e da partilha são uma contribuição (ou uma privação) importante para construir uma economia solidária, ao serviço da pessoa e de todas as pessoas. Por isso, devemos também tomar consciência que esta nova economia solidária não será somente o resultado de decisões da alta política econômica, mas brota também daquilo que nós podemos oferecer com o nosso modo de viver e de agir. Se uma economia transparente e de comunhão alimenta a comunhão fraterna, uma economia de partilha nos torna verdadeiramente irmãos dos pobres e dos mais pequenos. Este é certamente um testemunho que manifesta à sociedade uma direção alternativa: liberta do individualismo cego e do interesse pessoal egoístico, e aberto à solidariedade concreta e à justiça. Andar nesta direção parece-nos ser o melhor modo de honrar o nosso pai e irmão Francisco».

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ação para ter uma economia fraterna e transparente nas fraternidades, e solidária com os pobres?

Que escolhas acreditais necessárias para tornar a nossa economia franciscana alternativa ao modelo econômico atual?

⁴⁸ *Peregrinos e forasteiros neste mundo*, cit. p. 89.

III.3.

O MUNDO DOS POBRES E DOS EXCLUÍDOS

A. Os pobres nos interpelam

*“E devem estar alegres quando vivem entre pobres e fracos...”*⁴⁹

Os pobres de hoje são passíveis de reconhecimento numa gama extraordinariamente variada de categorias, que vão muito além do pobre somente material. Reconhecemos como pobres os doentes, os excluídos e marginalizados, os desprezados e esquecidos, os desesperados e privados de sentido da vida e de toda esperança, os esfaimados de alimento e de Deus, os mais frágeis, e menos dotados e os mais débeis, as mulheres excluídas e maltratadas, as crianças ainda não nascidas, os sem teto, os toxicodependentes, os migrantes, as vítimas do tráfico de pessoas, os refugiados, os povos indígenas e aqueles das periferias, os anciãos abandonados e também a criação explorada e instrumentalizada. Diante a tanta miséria humana, inspirando-se em São Francisco, o Papa Francisco nos recorda: «Pequenos, mas fortes no amor de Deus, como São Francisco de Assis, todos nós, cristãos, somos chamados a cuidar da fragilidade do povo e do mundo em que vivemos» (EG 216).

De maneira ainda mais pontual, o Capítulo geral de 2009 nos disse: «Na força da sua encarnação, o Verbo põe-se do lado da periferia, da vulnerabilidade, da pobreza. Não podemos esquecer, pois, que “a nossa minoridade, que tem Cristo como paradigma [...], deve traduzir-se em escolhas corajosas, que nos levem a abandonar algumas situações sociais e eclesiais para escolher com maior decisão os lugares de fronteira e a marginalidade, que são parte integrante da nossa tradição”» (PdV 23).

Ainda hoje, muitos frades e tantas Entidades estão próximos dos pobres, dos excluídos, doentes, moradores de rua, sofredores. Segundo o *Relatório* da pesquisa sobre a situação da Ordem, um grupo muito

⁴⁹ Rnb 9, 2.

numeroso de frades está comprometido nos setores dos serviços sociais em favor dos pobres, dos anciãos e dos doentes (22.1%) e atenção aos pobres a sua importância para a própria vida dos frades. A pesquisa nos revela também outros dados significativos. A vida simples do povo, com o qual o frade se encontra em trabalho, torna-se uma fonte e um estímulo para o seu desenvolvimento espiritual (89.1%), enquanto que menos incisiva resulta o compartilhamento da própria vida com os pobres e os marginalizados (28 %). A exigência de uma imersão sempre mais direta na vida dos pobres/marginalizados é percebida por 30.8% da amostra: trata-se de 1 frade sobre 3! É uma sensibilidade que leva a pensar sobre aquela outra prioridade acima percebida, do estilo de uma vida simples e solidária, com a qual se pode conectar aquela da solidariedade. Mais ou menos um terço dos frades sente a exigência de trabalhar para os pobres, os dependentes de drogas e de álcool, os doentes de AIDS, os sem teto (32.9%). Menor é o número dos frades que pedem para viver uma vida comum com os pobres, os marginalizados, os drogados, de modo a compartilhar tudo com eles (24.6 %). Ainda mais baixo é o percentual daqueles que sentem a necessidade de compartilhar os bens materiais com os pobres (14.7%) ou de trabalhar para aliviar a pobreza dos outros (13%).

Destes dados emerge a ideia fundamental que ser menor significa trabalhar para os outros, especialmente para os pobres, sem deixar-se “contaminar” pela vida dos pobres. Trata-se de uma solidariedade de ação e menos de compartilhamento das condições de vida. “Faz-se” para os pobres, mas não “se é” como os pobres e entre os pobres. Trabalha-se em favor dos mais pequenos, mas não se se torna “menor” entre eles.

E é importante também que o trabalho em favor dos pobres se desenvolva ao menos sobre três níveis: existe o serviço assistencial aos pobres que encontramos cotidianamente; existe depois a promoção do desenvolvimento integral dos pobres; existe ainda a colaboração com as pessoas de boa vontade para resolver as causas estruturais da pobreza.

A opção preferencial pelos pobres que a Igreja fez «é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus “manifesta a sua misericórdia antes de mais” a eles » (EG 198). Também na nossa Ordem repetiu-se tantas vezes que somos chamados a fazer a escolha pelos pobres e que os pobres são os nossos mestres. Mas muitas vezes estas ressoaram como palavras vazias.

O Sínodo sobre a nova evangelização de 2013 reiterou: «A conversão espiritual, a intensidade do amor a Deus e ao próximo, o zelo pela justiça e a paz, o significado evangélico dos pobres e da pobreza são pedidos a todos» (*Propositio* 45). E o Papa Francisco comentou: «Temo que também estas palavras sejam objeto apenas de alguns comentários, sem verdadeira incidência prática. Apesar disso, tenho confiança na abertura e nas boas disposições dos cristãos [e dos frades menores] e peço-vos que procureis, comunitariamente, novos caminhos para acolher esta renovada proposta» (*EG* 201).

B. Em direção a uma renovada proximidade dos pobres

“Unicamente a partir desta proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente...”⁵⁰

Por São Francisco e pelo Papa Francisco somos chamados a colocar-nos ao lado dos pobres, oferecendo a eles solidariedade concreta e atenção espiritual (cf. *EG* 200), a fazer-nos “menores” com os “menores” que a sociedade marginaliza ou afasta. «À imitação do nosso Mestre – exorta o Pontífice – nós cristãos [e nós frades menores] somos chamados a olhar as misérias dos irmãos, a tocá-las, a assumi-las e a operar concretamente para aliviá-las»⁵¹.

Papa Francisco repete seguidamente que deseja “uma Igreja pobre para o pobres” (cf. *EG* 198). Nas nossas Constituições gerais a opção pelos pobres é amplamente pedida e desenvolvida. É antes de tudo um imperativo para todos os frades, porque faz parte da “sequela” de Cristo que por nós se fez pobre (cf. *CCGG* 97 §1), significa viver entre eles (cf. *CCGG* 66 § 1), e vivendo entre os pobres os frades deles aprendam (cf. *CCGG* 93 §1), observem os acontecimentos e leiam a realidade a partir destes (cf. *CCGG* 97 §2). Ajudar os pobres e servi-los verdadeiramente significa contribuir para que eles tomem maior consciência da sua dignidade, a defendam e a façam crescer (cf. *CCGG* 97 § 2), e quer dizer também defender os direitos deles e denunciar tudo aquilo que os afeta (cf.

⁵⁰ *EG* 199.

⁵¹ *Mensagem do Papa para a Quaresma 2014.*

CCGG 69 § 1-2). Tal reivindicação dos direitos não pode ser feita senão a partir da minoridade, vigiando atentamente contra toda tentação de poder, e com a não violência (cf. CCGG 69 § 1), também evitando julgar os grandes, os potentes e os ricos (cf. CCGG 98 § 1). A opção pelos pobres comporta o compartilhamento dos bens (cf. 72 § 3) e a ação pela justiça e pela paz (cf. CCGG 96 § 2). Como justamente foi escrito, nós «fomos chamados à “perfeição do Santo Evangelho”, uma perfeição que, longe de isolar-nos dos pobres dos nossos dias, nos pede um nível de interdependência e recíproco enriquecimento *com os pobres*, que nos consentem fazer parte dos preferidos de “nosso Senhor Jesus Cristo, a beata Virgem e os seus discípulos”»⁵².

O Pontífice afirma que o compromisso de solidariedade com os pobres «não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência: aquilo que o Espírito coloca em movimento não é um excesso de ativismo, mas antes de tudo uma *atenção* dirigida ao outro “considerando-o como uma única coisa consigo mesmo” [S. Tomás de Aquino]» (EG 199).

Diante da economia de exclusão, Papa Francisco pede “a inclusão social dos pobres” (cf. EG 186-216) num modo de ocupar-nos com o desenvolvimento integral de quem é mais fraco e abandonado pela sociedade. Um passo preliminar e necessário é aquele de superar certa apatia e indiferença, sair de uma mentalidade individualista e egoísta para assumir um estilo de vida e de pensamento mais humano e mais evangélico (cf. EG 207-208).

Mais, o Papa nos exorta a sair da «mentalidade do “descarte”, que induz ao desprezo e ao abandono dos mais fracos, daqueles que são considerados “inúteis”»⁵³. Ele deseja que «toda a Igreja esteja disposta e solícita em testemunhar a quantos vivem na miséria material, moral e espiritual a mensagem evangélica, que se resume no anúncio do amor do Pai misericordioso, pronto a abraçar em Cristo cada pessoa. Poderemos fazê-lo na medida na qual seremos conformados a Cristo, que se fez pobre e nos enriqueceu com a sua pobreza»⁵⁴. E o próprio Papa Francisco nos dá claro testemunho com aquela “encíclica dos gestos” que ele iniciou desde o

⁵² *Peregrinos e forasteiros neste mundo*, cit. p. 110-111.

⁵³ *Mensagem para a jornada da paz 2014*.

⁵⁴ *Mensagem para a Quaresma 2014*.

dia da sua eleição e a está continuando cada vez que encontra as pessoas, em particular os pequenos e os doentes.

Pudéssemos também nós, frades menores, falar ao mundo mais com os sinais e com os gestos concretos, do que com as palavras!

C. Escolhas e propostas concretas

Quais estratégias ou meios pensais colocar em ação para assegurar a proximidade aos pobres?

Indicai uma escolha de solidariedade concreta com os pobres para as fraternidades locais, para as Províncias e para toda a Ordem.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	3
INTRODUÇÃO	5
1. O NOSSO NOME COMO UM PROGRAMA DE VIDA: FRATRES MINORES	5
2. AS PERIFERIAS DO NOSSO TEMPO COMO CHAVE HERMENÊUTICA	6
3. SER PROFETAS: UMA PRIORIDADE NÃO NEGOCIÁVEL	7
4. O ITINERÁRIO METODOLÓGICO	8
I - O NOSSO TEMPO	11
A. Tempo de crise: para crescer, não para morrer.	13
B. Em direção a uma nova qualidade evangélica de vida.	17
C. Escolhas e propostas concretas	19
II - FRADES.	21
II.1. IRMÃOS ENTRE NÓS.	23
A. O desafio das relações interpessoais	23
B. Em direção a uma comunhão de vida em construção	24
C. Escolhas e propostas concretas	26
II.2. IRMÃOS COM TODAS AS CRIATURAS	27
A. O desafio das relações com todas as criaturas	27
B. Em direção ao diálogo com todos e o cuidado da criação	28
C. Escolhas e propostas concretas	30

II.3. IRMÃOS “EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO”	.31
A. Novos cenários para uma nova evangelização31
B. Em direção a uma conversão missionária com novos evangelizadores33
C. Escolhas e propostas concretas36
III - MENORES37
III.1. A MINORIDADE, ELEMENTO CHAVE DA IDENTIDADE FRANCISCANA.39
A. A crise de identidade num mundo que muda39
B. Em direção a um estilo de vida profético na minoridade41
C. Escolhas e propostas concretas42
III.2. ECONOMIA E MINORIDADE43
A. O desafio de uma economia transparente e solidária43
B. Em direção a uma economia de comunhão e de solidariedade .	.45
C. Escolhas e propostas concretas46
III.3. O MUNDO DOS POBRES E DOS EXCLUÍDOS47
A. Os pobres nos interpelam47
B. Em direção a uma renovada proximidade dos pobres.49
C. Escolhas e propostas concretas51



Curia generale dei Frati Minori
Via Santa Maria Mediatrice 25
00165 - Roma

www.ofm.org